

O PT, o Congresso e o Neopopulismo

Consideramos que um partido político de esquerda deve ser aberto às mais variadas posições e que estas possam ser expressas publicamente. Por isso, nós que estamos organizando uma nova tendência no PT – o Movimento Conselhistas – estamos colocando nossas opiniões sobre diversos assuntos que são vitais para o Partido dos Trabalhadores, a saber: os rumos do PT, o I Congresso, a organização partidária.

Breve história do PT

A época da ditadura militar caracterizou-se pela inexistência de organizações populares de massas instituídas legalmente. No final da década de 1970 explode uma intensa mobilização de massas que ameaça o regime militar. As greves operárias e o surgimento dos conselhos de fábricas e outras organizações de massas colocam à burguesia uma necessidade inadiável de controlar as ações de massas. É neste momento que velhas e novas figuras entram em cena na política brasileira e apoiando-se no movimento de massas lançam a discussão sobre a formação de um partido dos trabalhadores. Os próprios trabalhadores já discutem essa possibilidade e junto com algumas tendências políticas, setores da Igreja, etc. formam o PT.

A burguesia procurava controlar as ações de massas apelando para a institucionalização das lutas de classes, a ser integrada na democracia burguesa (foi implantado um novo sistema partidário rompendo com o bipartidarismo). O PT, nessa época, vivia o clima do “novo sindicalismo” (os “combativos”), o clima da intelectualidade de “esquerda”, dos militantes radicais, da Igreja progressista, etc. Assim, sua linha política baseava-se numa salada de posições que levavam ao predomínio, no partido, da posição que

podemos denominar *social-democrata de esquerda* (o que não quer dizer socialista).

A participação e convivência do partido junto à democracia burguesa, aliado ao seu crescimento numérico, não comprometeu sua posição política social-democrata de esquerda até 1985. É a partir desse ano que o partido conquista algumas vitórias eleitorais e assume uma nova posição política, agora *social-democrata de centro*. Continua o crescimento quantitativo do partido e a burocratização assume proporções cada vez maiores. A acomodação do movimento de massas e a integração na democracia burguesa caminham juntas. A burocratização vem acompanhada pelo oportunismo e carreirismo. A luta pela ascensão social dentro do partido ou através dele passa a ser comum.

É a partir da crise do Leste Europeu e do sucesso eleitoral relativo, em 1989 que o partido assume a feição do *Social-Democrata de Direita*. A burocratização crescente e o crescimento eleitoral, com o reforço inegável da crise do capitalismo de estado da URSS – que servia de matriz para as “esquerdas” jacobinas do partido –, criou uma situação favorável à ofensiva das posições direitistas no partido (reforçadas pela ofensiva externa da burguesia) revestidas de antimarxismo. Passa-se a pregar o fim do marxismo, das lutas de classes e apela-se para a transição gradual para o (pseudo) – socialismo democrático.

A história do PT pode ser assim resumida: das origens de massas à crise da burocracia. Os grandes “caciques” dominam o partido e afastam as bases. Ocorre – graças ao eleitoralismo oportunista, carreirismo, direitismo, burocratismo – uma deterioração moral do partido. Os militantes que lutavam por uma nova sociedade não possuem mais

nenhum motivo para prosseguir sua luta: o partido pretende conservar esta sociedade e não criar uma nova.

O PT atual:

A imagem do neopopulismo

O PT com seu crescimento quantitativo de militantes e com crescimento eleitoral, que o tornava mais atraente para os carreiristas políticos, tornou-se cada vez mais burocrático e eleitoralista. Se desde seu surgimento agrupava indivíduos de diversas classes sociais, a partir deste crescimento o seu caráter interclassista assumiu uma aparência cada vez mais típica das classes médias: pequeno-burgueses, intelectuais burocratas em geral, etc. se o peso quantitativo das classes médias aumentou, o peso qualitativo aumentou muito mais. A direção do partido e a posição política se tornaram a imagem das classes médias. O aburguesamento de indivíduos provenientes da classe operária que dão origem à “aristocracia operária” – expressa na burocracia sindical e partidária – proporciona o predomínio completo das classes médias.

As classes médias em períodos não-revolucionários (com exceção dos seus elementos jacobinos) se caracterizam pela ambigüidade: procuram conciliar os interesses da burguesia com os do proletariado. Isto, ao mesmo tempo, lhe traz benefícios diretos, enquanto classe. O populismo também se caracteriza pela ambigüidade: é um discurso para as massas, mas que expressa os interesses de classe da burguesia. As condições histórico-sociais da sociedade brasileira uniram a social-democracia e o populismo criando um neopopulismo. Em 1989, o cientista político Luís Alfredo Galvão corretamente afirmou em relação à “esquerda petista” que ela representava uma nova forma de populismo: “o socialismo transformado em política social, os revolucionários em assistentes

sociais e a social-democracia em social-populismo”

O neopopulismo petista está expresso nas suas propostas políticas. Basta um exemplo: “crescimento econômico com distribuição de renda”. Como se isso fosse possível em uma sociedade capitalista! O crescimento econômico capitalista se baseia no aumento da exploração da classe trabalhadora e isto, obviamente, leva à uma maior concentração de renda. Mas os neopopulistas querem nos iludir com um discurso que é impossível colocar em prática.

O PT e o Congresso

O Congresso do PT irá tratar de temas importantíssimos para o futuro do partido: concepção de socialismo, a organização partidária, estratégia política, etc. Entretanto, o Congresso já foi decidido antes de ter se iniciado. As cartas estão marcadas, as apostas já foram feitas, o resultado já sabemos. Mesmo assim, colocaremos nossa opinião à respeito de alguns temas polêmicos.

A concepção de socialismo que será aprovada no Congresso é na verdade, o projeto de uma sociedade burguesa reformada, bem ao estilo neopopulista. Nós consideramos que o conteúdo do comunismo é a autogestão. Portanto, o Congresso do PT irá simplesmente negar o projeto comunista, ou seja, autogestionário. A “livre associação dos produtores” proposta por Marx é substituída pela “livre exploração e opressão dos capitalistas sobre os trabalhadores”.

O Congresso do PT também poderá aprovar a proposta sobre o fim das tendências. Essa proposta atende aos interesses da burocracia partidária e das correntes direitistas do partido (articulação, nova “esquerda”, vertente socialista, etc.). Um partido que se diz de esquerda deveria pelo menos manter a

democracia interna, o que implica na manutenção das tendências no partido.

A estratégia política que será aprovada no Congresso se baseia no reformismo. Isto implica a luta puramente eleitoral e reivindicativa nos limites permitidos pela sociedade burguesa. Acontece que o socialismo não poderá ser conquistado através da democracia burguesa ou das lutas puramente reivindicativas. A construção de uma nova sociedade só pode ocorrer através da ruptura revolucionária.

Por uma alternativa revolucionária

O PT como organização e com sua atual composição social, ou seja, como organização burocrática e instituição interclassista, é simplesmente irreformável. A única solução possível é sua destruição e, ao mesmo tempo, reconstrução. Essa reconstrução deve criar um perfil de classe na sua composição social (sem obreirismo) e uma organização não-burocrática. É preciso ter consciência que os reformistas e oportunistas de hoje, juntamente com os intelectuais positivistas, não irão mudar seus valores, sua visão de mundo, etc. só por causa dos nossos discursos e teorias. Isto pode ocorrer em um ou outro caso individual isolado. A formação de uma organização revolucionária é, obviamente, excludente: deve-se excluir a burocracia partidária (o que será realizado com o fim da burocracia como organização), os carreiristas e oportunistas eleitores (o que acontecerá a partir de uma nova relação, agora revolucionária com a democracia burguesa), etc.

Mas não é suficiente alterar a composição social do partido. Se este mantiver a mesma estrutura organizativa tudo voltará a ser como antes. *Portanto, é necessário construir um partido que já não é um partido político propriamente dito.* Tal concepção aponta para um partido compreendido como uma

“Federação de Movimentos”. Mantêm-se um partido formal e fictício, para cumprir as exigências legais do sistema jurídico burguês, mas cria-se, ao seu lado, um partido real, existente na prática, desburocratizado e de caráter classista e revolucionário. Portanto, para o PT se coloca a mesma opção que está colocada para a sociedade: *socialismo ou barbárie.*

Assinam:

Nildo Silva Viana – Militante PT – Goiás

Cleito Pereira dos Santos – Militante PT-Goiás

Cleiginaldo Pereira – Estudante

Edmilson Borges – Militante PT - Distrito Federal

Vanderlei Azevedo – Estudante

